

PORTUGUÊS

Frente: Português I

PROFESSOR(A): PAULO LOBÃO

EAD - ITA/IME

AULA 06

Assunto: Interpretação e Compreensão de Texto



Resumo Teórico

A intertextualidade como recurso textual

Todo texto é um intertexto, no sentido em que outros textos estão presentes nele, em níveis variados, podendo ser reconhecidos ou não. Chama-se, pois, de intertextualidade a relação de um texto com outros previamente existentes, efetivamente produzidos. A intertextualidade é explícita quando é feita a citação de fonte do intertexto (discurso relatado, citações de referências, resumos, traduções etc;), sendo implícita quando cabe ao interlocutor recuperar a fonte na memória para construir o sentido do texto (é o caso das alusões, da paródia, de certas paráfrases, de certos casos de ironia).

A intertextualidade explícita: ocorre quando há a identificação da fonte do intertexto, "como ocorre nos discursos relatados, nas citações e referências; nos resumos, resenhas e traduções; nas retomadas de textos de parceiros para encadear sobre ele ou questioná-lo na conversação".

Exemplo:

"Interrompeu suas divagações existenciais. Não tinha saída. O editor já lhe ligara dezenas de vezes, cobrando-lhe a crônica. Lembrou-se de um poema de Drummond que lera na escola. Nunca conseguira interpretá-lo. Considerava-o impossível e tosco. Somente agora, no seu momento de silêncio de palavras, percebera sua dimensão: 'Tinha uma pedra no meio de caminho'. Era um epifania. Pensou então em Clarice."

Observe:



Obra: O Grito, de Edvard Munch. Escola: O Expressionismo

A intertextualidade implícita: o fenômeno da intertextualidade implícita ocorre sem que aconteça a identificação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o significado do texto.

"Naquela tarde avermelhada, senti medo e dor. As imagens tortas da minha existência causaram-me pânico. No horizonte, apenas a sombra do meu corpo entorpecido pela paralisia do momento bailava sobre a ponte da vida. O meu grito surdo de desespero inundou a paisagem, distorcendo tudo ao redor."



Exercícios

01. (Unifor-CE/2014)

Texto I

Peixinho sem água, floresta sem mata É o planeta assim sem você Rios poluídos, indústria do inimigo É o planeta assim sem você

Disponível em: http://mataatlantica-pangea.blogspot.com. br/ 2009/10/parodia-meio-ambiente_02.html>.

Texto II

Avião sem asa Fogueira sem brasa Sou eu assim, sem você Futebol sem bola Piu-Piu sem Frajola Sou eu assim, sem você

Claudinho e Buchecha

Os textos I e II apresentam intertextualidade, que, para Julia Kristeva, é um conjunto de enunciados, tomados de outros textos, que se cruzam e se relacionam. Dessa forma, pode-se dizer que o tipo de intertextualidade do texto I em relação ao texto II é

- A) epígrafe, pois o texto I recorre a trecho do texto II para introduzir o seu texto.
- B) citação, porque há transcrição de um trecho do texto II ao longo do texto I.
- C) paráfrase, porque apesar das mudanças das palavras no texto I, a ideia do texto II é confirmada pelo novo texto.
- D) paródia, pois a voz do texto II é retomada no texto I para transformar seu sentido, levando a uma reflexão crítica.
- E) alusão, porque faz referência, de modo implícito, ao texto II para servir de termo de comparação.



MÓDULO DE ESTUDO

02. (UFPE-RS/2014)

Texto I

IDEOLOGIA: EU QUERO UMA PRA VOTAR!

¹A cada dois anos, a sociedade brasileira depara com um grande dilema: o voto. Os movimentos que começam a ²tomar forma no seio da política partidária dão conta de que neste ano a inglória tarefa de escolher um representante não ³será diferente daquilo que tem sido nas últimas eleições. Uma verdadeira salada de siglas agrupa-se de forma aleatória, ⁴criando coligações não convencionais que aproximam históricos desafetos ou opõem tradicionais aliados. As eleições deste ⁵ano, em razão do ambiente regional em que se realizam, aprofundam esse esdrúxulo quadro.

⁶Volta e meia, surgem partidos novos, "nem de direita nem de esquerda", que, ao invés de trazerem alento à ⁷sociedade, apenas escancaram a falta de ideologia, a ausência do confronto de ideias, enfim, o abismo representativo que ⁸nos assola. Juntam-se todos à turma dos "em cima do muro", aliás, dos "em cima de cargos", pois o muro, que se saiba, caiu ⁹ainda na década de 80. Nem de longe se vislumbram tomadas de posição sobre temas críticos, como o tamanho do Estado, ¹⁰por exemplo. Enfim, qual a medida de liberdade que queremos para a nossa vida?

¹¹[...].



Zero hora, 16 maio 2012.

A frase do texto que exemplifica a intertextualidade com a charge é:

- A) Volta e meia, surgem partidos novos, "nem de direita nem de esquerda", que, ao invés de trazerem alento à sociedade, apenas escancaram a falta de ideologia, a ausência do confronto de ideias, enfim, o abismo representativo que nos assola. (Refs.6 a 8)
- B) Os movimentos que começam a tomar forma no seio da política partidária dão conta de que neste ano a inglória tarefa de escolher um representante não será diferente daquilo que tem sido nas últimas eleições. (Refs.1 a 3)
- C) A cada dois anos, a sociedade brasileira depara com um grande dilema: o voto. (Ref.1)
- D) Nem de longe se vislumbram tomadas de posição sobre temas críticos, como o tamanho do Estado, por exemplo. (Refs.9 e 10)
- E) Enfim qual medida de liberdade que queremos para a nossa vida? (Ref.10)

BOM CONSELHO

Ouça um bom conselho Que eu lhe dou de graça Inútil dormir que a dor não passa

Espere sentado

Ou você se cansa Está provado, quem espera nunca alcança. [...]

Chico Buarque

Disponível em: https://www.letras.mus.br/chico-buarque/85939/>.

Acesso em: 08 jul. 2016.

- **03.** Na canção, Chico Buarque faz uso do recurso do (a)
 - A) intertextualidade por desconstrução.
 - B) intratextualidade por reiteração.
 - C) paráfrase por ratificação.
 - D) pastiche por afirmação.
 - E) resenha por criticidade.
- **04** (Unifor-CE/2010)

MAIS DE 25 SÉCULOS APÓS HERÁCLITO DE ÉFESO DIZER QUE

Não se toma banho duas vezes no mesmo rio,

RAUL SEIXAS DECLAROU

Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo

"Metamorfose ambulante", Raul Seixas.

E LULU SANTOS COMPAROU A VIDA A UMA ONDA:

Nada do que foi será De novo do jeito que já foi um dia Tudo passa Tudo sempre passará A vida vem em ondas Como um mar

Num indo e vindo infinito

Tudo que se vê não é Igual ao que a gente

Viu há um segundo

Tudo muda o tempo todo

No mundo

"Como Uma Onda", Lulu Santos e Nelson Motta.

A intertextualidade evidente entre o pensamento de Heráclito e as letras das músicas de Raul Seixas e Lulu Santos se realiza por:

- A) Pastiche.
- B) Paráfrase.
- C) Paródia.
- D) Alusão.
- E) Citação.

MÓDULO DE ESTUDO



Texto I

CONSUMINDO O FUTURO

A globalização parece ser a consagração máxima do capitalismo, a sua expansão tanto no plano macro quanto no micro, a níveis até então inimagináveis. Ora, desde o início da década de 70, Deleuze e Guattari já advertiam que o capitalismo vive da carência, que a falta é constitutiva do seu sistema de produção e consumo. Mas eles não estavam se referindo à carência por necessidade, que escraviza os pobres, e sim à carência no âmbito do desejo, que move o impulso do consumidor ocidental. Como se à miséria material dos pobres correspondesse a miséria libidinal dos ricos, habilmente manipulada pelas forças de mercado.

As promesas de que o desenvolvimento tecnocientífico iria permitir a inclusão progressiva de todos numa sociedade moderna esfumaram-se e só se mantêm no ar graças ao assédio permanente que as mídias e a publicidade fazem à mente dos espectadores. Ao fim da utopia socialista correspondeu o fim da tríade liberdade-igualdade-fraternidade, que embasava política e ideologicamente a sociedade capitalista, tornando a integração na vida econômica e a ascensão social cada vez mais problemáticas.

Mas deixemos de lado os excluídos, pois, embora imersos na carência criada pelo capitalismo, não participam do universo do consumo – o que, no Brasil, sempre é bom lembrar, significa mais ou menos uns 70% da população. Fiquemos apenas com 25 a sociedade dos incluídos. O que se passa com eles?

No campo dos incluídos, a libertação da carência talvez não seja uma questão jurídico-política: não há como voltar atrás para restaurar a cidadania perdida nem como almejar a sua construção, lá onde ela foi interrompida. Tanto os incluídos quanto os descartáveis encontram-se nus, diante do futuro. Como vimos, para uns e outros o capitalismo contemporâneo reserva um futuro de carência, de falta, de ansiedade e de antecipação. Mas, por mais intensa que seja a sua devoração do tempo, o capitalismo não dá conta de controlar todo o futuro, de abarcar todos os devires. O jogo não acabou.

O jogo não acabou, não acaba nunca – continua em outro plano, em outro paradigma, em outro espaço-tempo. Não há porque deixar-se deprimir com as novas regras da sociedade de controle e da "nova economia"; talvez seja melhor descobrir como, no jogo infinito, elas podem ser desreguladas.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Consumindo o futuro. Folha de S. Paulo*, 27 fev. 2000. Mais! Suplemento. p. 6-8 (pássim)

Texto II

SE VOCÊ PARAR PARA PENSAR...

Na correria do dia-a-dia, o urgente não vem deixando tempo para o importante. Essa constatação, carregada de estranha obviedade, obriga-nos quase a tratar como uma circunstância paralela e eventual aquela que deve ser considerada a marca humana por excelência: a capacidade de reflexão e consciência. Aliás, em alguns momentos, as pessoas usam até uma advertência (quando querem afirmar que algo não vai bem ou está errado): "Se você parar para pensar..."

Por que parar para pensar? Será tão difícil pensar enquanto continua fazendo outras coisas ou, melhor ainda, seria possível fazer sem pensar e, num determinado momento, ter de parar? Ora, pensar é uma atitude contínua, e não um evento episódico! Não é preciso parar – nem se deve fazê-lo – sob pena de romper com nossa liberdade consciente.

Isso, de certa forma, retoma uma séria brincadeira feita pelo escritor francês Anatole France (Nobel de Literatura em 1921, um mestre da ironia e do ceticismo) quando dizia: "O pensamento é uma doença peculiar de certos indivíduos, que, a propagar-se, em breve acabaria com a espécie".

20 Talvez "pensar mais" não levasse necessariamente ao "término da espécie", mas, com muita probabilidade, dificultaria a presença daqueles no mundo dos negócios e da comunicação que só entendem e traram as pessoas como consumidores vorazes e insanos. Talvez um "pensar mais" nos levasse a gritar que basta 25 de tantos imperativos. Compre! Olhe! Veia! Faca! Leia! Sinta! E a vontade própria e o desejo sem contornos? E (ainda lembra?) a liberdade de decidir, escolher, optar, aderir? Será um basta do corpo e da mente que já não mais aquentam tantas medicinas, tantas dietas compulsórias, tantas ordens da moda e admoestações 30 da mídia; corpo e mente que carecem, cada dia mais, de horas de sono complementares, horas de lazer suplementares e horas de sossego regulamentares, quase esgotados na capacidade de persistir, combater e evitar o amortecimento dos sentidos e dos sonhos pessoais e sinceros. Essa demora em "pensar mais", 35 esse retardamento da reflexão como uma atitude continuada e deliberada, vem produzindo um fenômeno quase coletivo: mais e mais pessoas querendo desistir, largar tudo com vontade imensa de sumir, na ânsia de mudar de vida, transformar-se, livrando-se das pequenas situações que as torturam, que as amarguram, 40 que as esvaem. Vêm à tona impulsos de romper as amarras da civilidade e partir, céleres, em direção ao incerto, ao sedutor repouso oferecido pela irracionalidade e pela inconsequência. Desejo "grandão" de experimentar o famoso "primeiro a gente enlouquece e, depois, vê como é que fica..." Cansaço imenso de 45 um grande sertão com diminutas veredas?

Quando o inglês (nascido na Índia) George Orwell, no final dos anos 40 do século passado, publicou a obra "1984" – uma assustadora utopia negativa quanto ao futuro das sociedades, nas quais não haveria liberdade, individualidade e privacidade –, despontou no Ocidente um disfarçado e ansiado consenso (apoiado em uma simulada expectativa): tudo aquilo que ele colocara no livro jamais poderia acontecer nem se relacionava com o porvir do mundo capitalista. No entanto a macabra história sobre uma sociedade totalitária vai além de fatos abstratos e atinge 55 hoje, em cheio, o terreno da "mercadolatria". Orwell disse que, numa sociedade como a que prenunciou, "o crime de pensar não implica a morte, o crime de pensar é a própria morte".

Pouco importa, dado que ser humano é ser capaz de dizer "não" ao que parece não ter alternativa. Apesar dos constrangimentos e da tentativa de sequestro da nossa subjetividade, pensar não é, de fato, crime e, por isso, claro, não se deve parar.

CORTELLA, Mário Sérgio. Se você parar para pensar. Folha de S. Paulo, 24 maio 2001. Folha Equilíbrio. p. 15.

- **05.** Considerando-se o ponto de vista do autor do texto I, constitui característica do processo de globalização:
 - A) Aprimorar os mecanismos de promoção social e de redução das diferenças entre ricos e pobres, o que representa a plenitude do capitalismo.
 - B) Substituir a utopia de construção de um mundo socialista pela perspectiva concreta de uma sociedade liberal, que impeça o arbítrio e a injustiça.
 - C) Promover, no Brasil, um processo gradual de inclusão de camadas de excluídos no processo de produção capitalista, o que representa 70% da população.
 - D) Representar o apogeu do capitalismo como um sistema de produção e consumo que consagra a carência como seu elemento constitutivo básico.
 - E) Criar um novo paradigma para o futuro, no sentido de superar os aspectos socialmente injustos da distribuição e da socialização dos bens de consumo.

online

MÓDULO DE ESTUDO

06. Leia.

A globalização parece ser a consagração máxima do capitalismo, a sua expansão tanto no plano quanto no micro, a níveis até então inimagináveis. Ora, desde o início da década de 70, Deleuze e Guattari já advertiam que o capitalismo vive da carência, que a falta é constitutiva do seu sistema de produção e consumo. Mas eles não estavam se referindo à carência por necessidade, que escraviza os pobres, e sim à carência no âmbito do desejo, que move o impulso do consumidor ocidental. Como se à miséria material dos pobres correspondesse a miséria libidinal dos ricos, habilmente manipulada pelas forças de mercado.

Com relação ao parágrafo, considere as assertivas:

- I. No primeiro período do texto, observa-se uma afirmação que não permite uma outra possibilidade de tese sobre a globalização, já que admite uma certeza absoluta;
- II. O termo "Ora", do segmento "Ora, desde o início...", apresenta valor de circunstância temporal;
- III. A oração "que move o impulso do consumidor ocidental" desenvolve semântica de explicação.

Está correto o que se diz em:

- A) I, II e III.
- B) II e III.
- C) I e II.
- D) I e III.
- E) III apenas.

07. Leia.

As promessas de que o desenvolvimento tecnocientífico iria permitir a inclusão progressiva de todos numa sociedade moderna esfumaram-se e só se mantêm no ar graças ao assédio permanente que as mídias e a publicidade fazem à mente dos espectadores. Ao fim da utopia socialista correspondeu o fim da tríade liberdade-igualdade-fraternidade, que embasava política e ideologicamente a sociedade capitalista, tornando a integração na vida econômica e a ascensão social cada vez mais problemáticas.

Com relação ao fragmento, assinale a afirmação que apresenta um comentário correto sobre as relações entre os termos que compõem os períodos do parágrafo:

- A) A oração "de que o desenvolvimento tecnocientífico iria permitir a inclusão progressiva de todos numa sociedade moderna" desenvolve a mesma função da expressão "ao assédio permanente".
- B) O termo "se", de "esfumaram-se", sinaliza para a indeterminação do sujeito.
- C) O verbo "tomando", de "tomando a integração na vida...", desenvolve valor de causa.
- D) O pronome relativo "que", de "que embasava...", tem como termo referente o substantivo "fim".
- E) No segmento "...inclusão progressiva de todos numa sociedade moderna", a expressão "de todos" constitui um termo adjunto, indicando ideia de totalidade.

08. Leia.

Mas deixemos da lado os excluídos, pois, embora imersos na carência criada pelo capitalismo, não participam do universo do consumo – o que, no Brasil, sempre é bom lembrar, significa mais ou menos uns 70% da população. Fiquemos apenas com a sociedade dos incluídos. O que se passa com eles?

Com relação ao termo "Mas", que inicia o parágrafo, pode-se afirmar que se trata:

- A) De um síndeto de valor adversativo, estabelecendo textualidade por oposição às ideias do parágrafo anterior.
- B) De um termo que inicia um raciocínio argumentativo, estabelecendo ideia de conclusão.
- C) De uma partícula expletiva ou de realce, não cumprindo uma função sintática específica.
- D) De um termo com valor de intensidade, reforçando a ideia apresentada no segmento que inicia.
- E) De um termo com valor circunstancial de modo, modalizando a oracão posterior.

09. Leia.

Mas deixemos de lado os excluídos, pois, embora imersos na carência criada pelo capitalismo, não participam do universo do consumo – o que, no Brasil, sempre é bom lembrar, significa mais ou menos uns 70% da população. Fiquemos apenas com a sociedade dos incluídos. O que se passa com eles?

No texto, o parágrafo em destaque pode ser considerado como A) uma reiteração.

- B) uma ressalva.
- C) uma exemplificação.
- D) uma retificação.
- E) uma conclusão.
- **10.** Constitui argumento do autor do texto II para discutir a importância do pensar:
 - A) O poder de escolha do homem frente às pressões de uma sociedade que impede o exercício de sua individualidade pode ser resgatado.
 - B) O mundo contemporâneo estimula um comportamento humano conciliador, estabelecendo um equilíbrio entre os valores convencionais e os inovadores.
 - C) O homem, embora sujeito ao apelo midiático, preserva a individualidade e o livre arbítrio na sua convivência diária com o outro.
 - D) A ruptura com os esquemas lógicos do pensamento é o caminho mais apropriado para a conquista, pelo homem, da liberdade e da privacidade.
 - E) A existência de uma sociedade cada vez mais competitiva condiciona o homem a refletir antes de agir.

11. É comum aos dois texto:

- I. Utilização do pensamento de diferentes autores para dar fundamentação às críticas formuladas pelos articulistas;
- II. Confiança no potencial humano de reação aos mecanismos coercitivos da sociedade capitalista;
- III. Análise de um fenômeno comportamental do homem contemporâneo que, cada vez mais, considera-se capaz de superar situações frustradoras.

Está correto o que se diz em:

- A) I, II e III.
- B) II e III.
- C) I e II.
- D) Il apenas.
- E) le III.

MÓDULO DE ESTUDO



- 12. Nos dois textos, pode-se perceber:
 - A) Alusão à internacionalização da economia como a vitória maior do sistema capitalista.
 - B) Menção à necessidade de o homem buscar uma nova utopia que ocupe o espaço deixado pelo fim do socialismo.
 - C) Consideração do progresso tecnológico como mecanismo de inserção dos despossuídos num mundo socioeconomicamente equilibrado.
 - D) Visão crítica sobre a atuação do mercado como instrumento deformador da individualidade do homem.
 - E) Uma concepção romântica do processo de globalização como instrumento libertário e transformador da sociedade e das relações sociais entre as diferentes camadas sociais.
- **13.** Sobre as relações sintáticas ou semânticas presentes nos dois textos, é correto afirmar:
 - I. "mais ou menos" (texto I, linha 24) e "quase" (texto II, linha 36) são expressões que denotam aproximação;
 - II. "Na correria do dia-a-dia" (texto II, linha 1) e "na ânsia de mudar de vida" (texto II, linha 38) expressam, respectivamente, causa e finalidade;
 - III. "até" (texto II, linha 36) e "só" (texto II, linha 23) têm função expletiva.

Está correto o que se diz em:

A) I, II e III.

B) I e II.

C) II e III.

D) III apenas.

E) I e III.

14. Leia o seguinte parágrafo do texto II:

Isso, de certa forma, retoma uma séria brincadeira feita pelo escritor francês Anatole France (Nobel de Literatura em 1921, um mestre da ironia e do ceticismo) quando dizia: "O pensamento é uma doença peculiar de certos indivíduos, que, a propagar-se, em breve acabaria com a espécie".

Com relação aos procedimentos de coesão, assinale a alternativa correta:

- A) O termo "Isso", que inicia o parágrafo, desenvolve coesão referencial exofórica, apontando para um referente fora do texto.
- B) O termo "que", de "que, a propagar-se...", desenvolve coesão, introduzindo uma oração com valor de complemento nominal.
- C) A oração "feita pelo escritor..." desenvolve função substantiva, constituindo uma redução de particípio, sugerindo ideia de realização.
- D) A posição do adjetivo em "´seria brincadeira" denota o emprego de uma linguagem mais informal no fragmento.
- E) A oração "a propagar-se" desenvolve valor de condição, iniciando uma oração reduzida de infinitivo com valor adverbial.

15. (Enem/2009)

Texto I

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas tem mais flores, Nossos bosques tem mais vida, Nossa vida mais amores.

[...]

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, a noite Mais prazer eu encontro la;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o Sabiá.

DIAS, G. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

Texto II

CANTO DE REGRESSO À PÁTRIA

Minha terra tem palmares Onde gorjeia o mar Os passarinhos daqui Não cantam como os de lá Minha terra tem mais rosas E quase tem mais amores Minha terra tem mais ouro Minha terra tem mais terra Ouro terra amor e rosas Eu quero tudo de lá Não permita Deus que eu morra Sem que volte para lá Não permita Deus que eu morra Sem que volte pra São Paulo Sem que eu veja a rua 15 E o progresso de São Paulo.

> ANDRADE, O. Cadernos de poesia do aluno Oswald. São Paulo: Círculo do Livro. s/d.

Os textos A e B, escritos em contextos históricos e culturais diversos, enfocam o mesmo motivo poético: a paisagem brasileira entrevista a distância. Analisando-os, conclui-se que:

- A) o ufanismo, atitude de quem se orgulha excessivamente do país em que nasceu, é o tom de que se revestem os dois textos.
- B) a exaltação da natureza é a principal característica do texto B, que valoriza a paisagem tropical realçada no texto A.
- C) o texto B aborda o tema da nação, como o texto A, mas sem perder a visão crítica da realidade brasileira.
- D) o texto B, em oposição ao texto A, revela distanciamento geográfico do poeta em relação à pátria.
- E) ambos os textos apresentam ironicamente a paisagem brasileira.

Gabarito

01	02	03	04	05
D	А	А	В	D
06	07	08	09	10
Е	А	С	В	А
11	12	13	14	15
С	D	В	Е	С